

# ACÉFALO

## II

# NIETZSCHE E

## OS

# FASCISTAS

# N I E T Z S C H E

## E O S F A S C I S T A S

### ELISABETH JUDAS-FOERSTER

O Judeu Judas traiu Jesus por uma pequena soma de dinheiro : após o que se enforcou. A traição dos próximos de Nietzsche não tem a consequência brutal daquela de Judas mas resume e acaba de tornar intolerável o conjunto de traições que deformam o ensinamento de Nietzsche (que o colocam à medida das visadas as mais curtas da febre atual). As falsificações anti-semitas de Mme. Foerster, irmã, e do Sr. Richard Oehler, primo de Nietzsche têm aliás qualquer coisa de mais vulgar que o mercado de Judas : para além de toda medida, elas dão o valor de um golpe de chicote (*coup de cravache*) à máxima na qual se exprimiu o horror de Nietzsche pelo anti-semitismo:

NÃO FREQUËNTAR NINGUÉM QUE  
ESTEJA IMPLICADO NESSA FARSA  
AFRONTOSA DAS RAÇAS!<sup>1</sup>

<sup>1</sup> Oeuvres posthumes, trad. Bolle, Ed. Du Mercure de

O nome de Elisabeth Foerster-Nietzsche,<sup>2</sup> que vem de acabar, em 8 de novembro de 1935, uma vida consagrada a uma forma muito estreita e degradante de culto familiar, não se tornou ainda objeto de aversão... Elisabeth Foerster-Nietzsche não havia esquecido, em 2 de novembro de 1933, as dificuldades que se introduziram entre ela e seu irmão pelo fato de seu casamento, em 1885, com o anti-semita Bernard Foerster. Uma carta na qual Nietzsche lhe lembrava sua "repulsão" — "*tão pronunciada quanto possível*" — pelo partido de seu marido — este último designado nomeadamente com rancor — foi publicada sob seus próprios cuidados<sup>3</sup>. Em 2 de Novembro de

France, 1934, # 858 p. 309.

<sup>2</sup> Sobre E. Foerster-Nietzsche, ver o artigo necrológico de W.F. Otto em *Kantstudien*, 1935, n.º 4, p. V (dois retratos); mas melhor, E. Podach, *L'effondrement de Nietzsche* (tr. fr.) N.R.F., 1931; Podach dá uma realidade às expressões de Nietzsche sobre sua irmã (*gentes como minha irmã são inevitavelmente adversários irreconciliáveis de minha maneira de pensar e de minha filosofia*, citado por Podach, p. 68) : desapareções de documentos, omissões vergonhas do *Nietzsche-Archiv* estavam por pôr na conta desse singular "adversário".

<sup>3</sup> Carta de 21 de maio de 1887 publicada em francês em

1933, diante de Adolf Hitler recebido por ela em Weimar no Nietzsche-Archiv, Elisabeth Foerster testemunhava do anti-semitismo de Nietzsche dando leitura de um texto de Bernard Foerster.

*Antes de quitar Weimar para ir a Essen, reporta o Temps de 4 de novembro de 1933, o chanceler Hitler foi render visita a Mme. Elisabeth Foerster-Nietzsche, irmã do célebre filósofo. A velha dama lhe fez dom de uma bengala-espada que pertenceu a seu irmão. Ela o fez visitar os arquivos Nietzsche.*

*O Sr. Hitler escutou a leitura de um memoir endereçado em 1879 a Bismarck pelo doutor Foerster, agitador anti-semita, que protestava "contra a invasão do espírito judeu na Alemanha". Tendo em mão a bengala de Nietzsche, o Sr. Hitler atravessou a turba em meio às aclamações e remontou em seu automóvel para ir a Erfurt e de lá a Essen.*

Nietzsche, endereçando em 1887 uma carta menosprezante ao anti-semita Théodor Fritsch<sup>4</sup>, a terminava com essas palavras:

---

*Lettres choisies*, Stock, 1931.

<sup>4</sup> A segunda das duas cartas a Th. Fritsch, publicada em francês por M. P. Nicolas (*De Hitler a Nietzsche*, Fasquelle, 1936, p. 131-4). Devemos assinalar aqui o

MAS ENFIM, QUE CRÊ VOCÊ QUE EU PROVO QUANDO O NOME DE ZARATUSTRA SAI DA BOCA DOS ANTI-SEMITAS!

## O SEGUNDO JUDAS DO "NIETZSCHE-ARCHIV"

Adolf Hitler, em Weimar se fez fotografar diante do busto de Nietzsche. O Sr. Richard Oehler, primo de Nietzsche e colaborador de Elisabeth Foerster no Archiv, fez reproduzir a fotografia no frontispício de seu livro, *Nietzsche e o porvir da Alemanha*<sup>5</sup>. Nessa obra, ele procurou mostrar o acordo profundo do ensinamento de Nietzsche e de *Mein Kampf*. Ele reconhece, é verdade, a existência de passagens de Nietzsche que não seriam hostis aos judeus, mas conclui:

*...O que mais importa para nós é esta colocação em guarda: "Nem um judeu a mais! Fechemo-lhes nossas portas, sobretudo do lado do Leste!"... "...que a*

---

interesse da obra de Nicolas cuja intenção é, no conjunto, análoga à nossa e que aporta documentos importantes. Mas é preciso lamentar que o autor tenha estado preocupado antes de tudo em mostrar ao Sr. Benda que ele não deveria ser hostil a Nietzsche... e desejar que o Sr. Benda permaneça fiel a si mesmo.

<sup>5</sup> *Friedrich Nietzsche und die deutsche Zukunft*, Leipzig, 1935. R. Oehler pertence à família da mãe de Nietzsche.

*Alemanha tem largamente sua conta de judeus, que o estômago e o sangue alemães deverão penar longo tempo ainda antes de ter assimilado essa dose de "judeu", que nós não temos a digestão tão ativa quanto os Italianos, os Franceses, os Ingleses, que nisso chegaram ao ponto (bout) de uma maneira bem mais expeditiva": e notai que é a expressão de um sentimento muito geral, que exige que se a entenda e que se aja. "Nem um judeu a mais! Fechemo-lhes nossas portas, sobretudo do lado do Leste (aí compreendida a Áustria)!" Eis aí o que reclama o instinto de um povo cujo caráter é ainda tão fraco e tão pouco marcado que correria o risco de ser abolido pela mistura de uma raça mais enérgica.*

Não se trata aqui somente de "farsa desavergonhada" mas de uma falsificação grosseiramente e conscientemente fabricada. Esse texto figura com efeito em *Além do Bem e do Mal* (# 251), mas a opinião que exprime não é a de Nietzsche; é a dos anti-semitas retomada por Nietzsche em maneira de galhofa (*persiflage*).

*Eu ainda não encontrei alemão, escreve ele, que queira bem aos judeus; os sábios*

*e os políticos podem bem condenar todos sem reserva o anti-semitismo, o que reprovam sua sabedoria e sua política é, não vos enganeis aí, não o sentimento ele mesmo, mas unicamente seus temíveis (redoutables) desencadeamentos, e as inconvenientes (malséantes) e vergonhosas manifestações que provoca esse sentimento uma vez desencadeado. Diz-se sem rodeios que a Alemanha tem largamente, etc...*

Segue o texto portado pelo fascista falsário à conta de Nietzsche! Um pouco mais longe uma conclusão prática é aliás dada a essas considerações : *"Bem se poderia começar por lançar à porta os berradores (braillards) anti-semitas..."* Dessa vez Nietzsche fala em seu nome. O conjunto do aforismo fala no sentido da assimilação dos judeus pelos Alemães.

## **NÃO MATAR :**

### **REDUZIR À SERVIDÃO**

SERÁ QUE MINHA VIDA TORNA VEROSSÍMIL QUE EU TENHA PODIDO ME DEIXAR "CORTAR AS ASAS" POR QUEM QUER QUE SEJA?<sup>6</sup>

<sup>6</sup> Na primeira das duas cartas a Th. Fritsch : cf mais acima, n. 4

O tom no qual Nietzsche respondia, quando vivo, aos anti-semitas importunos, exclui toda possibilidade de tratar a questão com ligeirice, de considerar a traição dos Judas de Weimar como venial: trata-se aí de "asas cortadas".

Os próximos de Nietzsche nada empreenderam de menos baixo que reduzir a uma servidão aviltante aquele que pretendia arruinar a moral servil. É possível que não haja arreganhamentos de dentes no mundo e que isso não devesse ser uma evidência que, na desorientação crescente, torne silencioso e violento? Como, sob o golpe da cólera, isto não seria uma claridade cegante, quando toda humanidade se precipita na servidão, que existe alguma coisa que não deve ser assujeitada (*asservi*<sup>\*</sup>) que não pode ser assujeitada?

A DOCTRINA DE NIETZSCHE NÃO PODE SER ASSUJEITADA.

Ela pode somente ser seguida. Colocá-la em seguida, ao serviço de *que quer que*

*seja* de outro é uma traição que releva do desprezo dos lobos pelos cães.

SERÁ QUE A VIDA DE NIETZSCHE TORNA VEROSSÍMIL QUE ELE POSSA TER "AS ASAS CORTADAS" PELO QUE QUER QUE SEJA?

Que seja o anti-semitismo, o fascismo, que seja o socialismo, não há mais que *utilização*. Nietzsche se endereçava a *espíritos livres*, incapazes de se deixar utilizar.

## ESQUERDA E DIREITA NIETZSCHEANAS

O movimento mesmo do pensamento de Nietzsche implica um desabamento (*debâcle*) dos diferentes fundamentos possíveis da política atual. As direitas fundam sua ação no atarraxamento afetivo ao passado. As esquerdas sobre princípios racionais. Ora atarrachamento ao passado e princípios racionais (justiça, igualdade sociais) são igualmente rejeitados por Nietzsche. Deveria pois ser impossível utilizar seu ensinamento num sentido qualquer.

---

\* N.d.T.: o verbo *asservir* (assim como seu particípio *asservi(e)* e o substantivo *asservissement*) é recorrentíssimo no texto de Bataille. A tradução por assujeitar, embora cômoda, não dá conta do *besogne* do termo francês; talvez fosse melhor usar a expressão composta "reduzir à servidão"? Que se a tenha em conta ao ler assujeitar, assujeitado(a), assujeitamento.

Mas esse ensinamento representa uma força de sedução incomparável, em consequência uma "força" *tout court*<sup>\*</sup>, que os políticos deviam ser tentados a assujeitar ou ao menos a conciliar em proveito de suas empresas. O ensinamento de Nietzsche "mobiliza" a vontade e os instintos agressivos: era inevitável que as ações buscassem arrastar para seu movimento essas vontades e esses instintos tornados móveis e que permaneciam *desempregados*.

A ausência de toda possibilidade de adaptação a uma das direções da política não teve nessas condições mais que um só resultado. A exaltação nietzscheana não sendo solicitada senão por um malconhecimento de sua natureza, pôde sê-lo nas duas direções a uma só vez. Numa certa medida, formou-se uma direita e uma esquerda nietzscheana, da mesma maneira que se havia formado outrora uma direita e uma esquerda hegeliana.<sup>7</sup> Mas

Hegel se situara ele-mesmo sobre o plano político e suas concepções dialéticas explicam a formação de duas tendências opostas no desenvolvimento póstumo de sua doutrina. Trata-se num caso de desenvolvimentos lógicos e consequentes, no outro de inconsequência, de ligeirice ou de traição. No conjunto, a exigência exprimida por Nietzsche, longe de ser entendida foi tratada como toda coisa num mundo onde a atitude servil e o *valor de utilidade* aparecem como os únicos admissíveis. Na medida desse mundo, a reversão dos valores, mesmo se foi objeto de esforços reais de compreensão, permaneceu tão geralmente ininteligível que as traições e os achatamentos (*platitudes*) de interpretação de que é objeto passam quase despercebidos.

---

sido livrado à brutal exploração das gentes de mãos", reduz Nietzsche à vontade de iniciativa e à negação do otimismo de progresso...

De fato, se não de direito, a distinção de dois nietzscheanismos opostos não é menos justificada no conjunto. Desde 1902, num folheto intitulado *Nietzsche socialiste malgré lui* ("Journal des Débats", 2 setembro 1902), Bordeaux falava ironicamente dos nietzscheanos de direita e de esquerda.

Jaurès (que numa conferência em Genebra identificava super-homem e proletariado), Bracke (tradutor de *Humain trop humain*), Georges Sorel, Félicien Challaye podem ser citados na França entre os homens de esquerda que se interessaram por Nietzsche.

É lamentável que a conferência de Jaurès esteja perdida. É importante notar ainda que a principal obra sobre Nietzsche seja devida a Charles Andler, editor simpatizante do *Manifeste Communiste*.

---

\* N.d.T.: *tout court*: algo assim como *em suma*

<sup>7</sup> "Não houve um hegelianismo de direita e um de esquerda? Pode haver um nietzscheanismo de direita e um de esquerda. E me parece que já a Moscou de Stalin e Roma, esta consciente e aquela inconsciente, colocam esses dois nietzscheanismos" (Drieu La Rochelle, *Socialisme fasciste*, N.R.F., 1934, p. 71). No artigo em que figuram essas linhas (intitulado "Nietzsche contre Marx") M. Drieu, mesmo reconhecendo que "não será jamais mais que um resíduo de seu pensamento que terá



## "NOTAS PARA OS ASNOS"

Nietzsche disse ele-mesmo que não tinha mais do que repugnância pelos partidos políticos de seu tempo, mas um equívoco existe a respeito do fascismo que não se desenvolveu senão longo tempo após sua morte e que além do mais é o único movimento político que tenha conscientemente e sistematicamente utilizado a crítica nietzscheana. Segundo o Húngaro Georg Lukacs (um dos raros, ao que parece, entre os teóricos marxistas atuais que tenham tido da essência do marxismo uma consciência profunda; desde que teve de se refugiar em Moscou, foi, é verdade, moralmente quebrado, não é mais do que a sombra dele-mesmo), segundo Lukacs "a diferença bem clara de nível ideológico entre Nietzsche e seus sucessores fascistas não pode chegar a esconder o fato histórico fundamental, que faz de Nietzsche um dos principais ancestrais do fascismo" (*Littérature internationale*, 1935, n. 9, p.79). A análise sobre a qual Lukacs funda essa conclusão é talvez por vezes refinada e hábil mas não é mais que uma análise que se abstém (*se passe*) da consideração da totalidade, é dizer do que unicamente é "existência". Fascismo e nietzscheanismo

se excluem, se excluem mesmo com violência, desde que um e outro são considerados em sua totalidade: de um lado a vida se encadeia e se estabiliza numa servidão sem fim, do outro sopra não somente o ar livre mas um vento de borrasca; de um lado o charme da cultura humana é quebrado para deixar lugar à força vulgar, do outro a força e a violência são votadas tragicamente a esse charme. Como é possível não perceber o abismo que separa um César Borgia, um Malatesta, de um Mussolini? aqueles, contestadores (*contempteurs*) das tradições e de toda moral, tirando partido de acontecimentos sangrentos e complexos em proveito de uma avidez de viver que os depassa : este assujeitado lentamente por tudo aquilo que não põe em movimento a não ser paralisando pouco a pouco sua impulsão primitiva. Já aos olhos de Nietzsche, Napoleão aparecia "corrompido pelos meios que tinha sido *constrangido* a empregar"; Napoleão "havia *perdido* a *nobreza* de caráter"<sup>8</sup>. Uma restrição infinitamente mais pesada se exerce sem dúvida alguma sobre os ditadores modernos reduzidos a achar sua força identificando-se a todas

<sup>8</sup> ~Volonté de Puissance, # 1026 (*Oeuvres complètes*, Leipzig, 1911, t. XVI, p. 376).

as impulsões que Nietzsche menosprezava nas massas, em particular "a essa admiração mentirosa de si mesma que praticam as raças"<sup>9</sup>. Há uma derrisão corrosiva no fato de imaginar um acordo possível entre a exigência nietzscheana e uma organização política que empobrece a existência ao cúmulo, que aprisiona, exila ou mata tudo o que poderia constituir uma aristocracia<sup>10</sup> de "espíritos livres". Como se não fosse cegante que Nietzsche, quando demanda um amor à medida do sacrifício da vida, é pela "fé" que ele comunica, pelos valores que sua própria existência torna reais, evidentemente não por uma pátria...

"Nota para os asnos", escrevia já Nietzsche ele-mesmo, temendo uma confusão da mesma ordem, tamanhamente miserável<sup>11</sup>.

## MUSSOLINI NIETZSCHEANO

Na medida em que o fascismo se atém a uma fonte filosófica, não é a Nietzsche,

mas a Hegel que ele se liga<sup>12</sup>. Que nos reportemos ao artigo que Mussolini ele-mesmo consagrou na *Enciclopédia Italiana* ao movimento que criou<sup>13</sup>: o vocabulário e, mais ainda que o vocabulário, o espírito aí são hegelianos, não nietzscheanos, Mussolini pode aí empregar por duas vezes a expressão "vontade de potência" : mas não é um acaso se essa vontade não é mais do que um atributo da idéia que unifica a multidão.<sup>14</sup>

O agitador vermelho sofreu a influência de Nietzsche : o ditador unitarista se manteve afastado. O regime ele-mesmo se exprimiu sobre a questão. Num artigo de *Fascismo* de julho 1933, Cimmino nega toda filiação ideológica entre Nietzsche e Mussolini. Só a vontade de potência constituiria um elo entre suas doutrinas. Mas a vontade de potência de Mussolini "não é egoísta" ela é pregada a todos os Italianos de quem o duce "quer fazer superhomens". Pois, afirma o autor, "mesmo que fôssemos

<sup>9</sup> Gai savoir # 377

<sup>10</sup> Nietzsche fala de aristocracia, fala mesmo de escravidão, mas se exprime a respeito de "novos mestres", ele fala de "sua nova santidade", de "sua capacidade de renúncia". "Eles dão, escreve, aos mais baixos o direito à boa-hora (bonheur, felicidade), eles a ela renunciam para eles-mesmos."

<sup>11</sup> *Volonté de puissance*, # 942 (*Oeuvres complètes*, 1911,

t. XVI, p. 329).

<sup>12</sup> Sabe-se que o hegelianismo, representado por Gentile, é praticamente a filosofia oficial da Itália fascista.

<sup>13</sup> Sub verbo "Fascismo". O artigo foi traduzido na cabeça de : B. Mussolini, *Le Fascisme*, Denoël et Steele, 1933.

<sup>14</sup> Mussolini escreve a propósito do povo : "Não se trata nem de raça nem de região geográfica determinada, mas de um agrupamento que se perpetua historicamente, de uma multidão unificada por uma idéia que é uma vontade de existência e de potência..." (Ed. Denoël et Steele, p. 22).



todos superhomens, não seríamos ainda senão homens... Que, além disso, Nietzsche agrade a Mussolini, nada de mais natural: Nietzsche pertencerá sempre a todos os homens de ação e vontade... A diferença profunda entre Nietzsche e Mussolini está no fato de que a potência em tanto que vontade, a força, a ação são produtos do instinto, eu diria quase da natureza física. Elas podem pertencer às pessoas as mais opostas, pode-se pô-las ao serviço dos fins mais diversos. Ao contrário, a ideologia é um fator espiritual, é ela que une verdadeiramente os homens..." Não é útil insistir sobre o idealismo aberto desse texto que tem o mérito da honestidade se é preciso compará-lo aos textos alemães. É mais notável ver o duce lavado de uma acusação possível de egoísmo nietzscheano. As esferas dirigentes do fascismo parecem ter permanecido na interpretação stirneriana de Nietzsche exprimida por volta de 1908 por Mussolini ele-mesmo<sup>15</sup>.

*Para Stirner, para Nietzsche, escrevia então o revolucionário, e para todos aqueles que, em seu Geniale Mensch,*

*Turk nomeia os antisófos do egoísmo, o Estado é opressão organizada em detrimento do indivíduo. E no entanto, mesmo para os animais de rapina, existe um princípio de solidariedade... O instinto de sociabilidade, segundo Darwin, é inerente à natureza mesma do homem. É impossível representar-se um ser humano vivendo fora da cadeia infinita de seus semelhantes. Nietzsche sentiu profundamente a "fatalidade" dessa lei de solidariedade universal. O super-homem nietzscheano tenta escapar à contradição: ele desencadeia e dirige contra a massa exterior sua vontade de potência e a trágica grandeza de suas empresas fornece ao poeta — por pouco tempo ainda — uma matéria digna de ser cantada...*

Explica-se assim que Mussolini relevando as influências não italianas que se exerceram sobre o fascismo nascente fale de Sorel, de Péguy, de Lagardelle e não de Nietzsche. O fascismo oficial pode utilizar dispondo-as sobre os muros máximas nietzscheanas tônicas: suas simplificações brutais não lhe parecem menos dever ser mantidas afastadas do mundo nietzscheano, livre demais, complexo demais, dilacerante demais.

<sup>15</sup> Num artigo publicado então por um jornal da Romagne, e reproduzido por Marguerite G. Sarfatti (*Mussolini*, trad. Fr., Albin Michel, 1927, p. 117-21).

Essa prudência parece repousar, é verdade, sobre um interpretação ultrapassada da atitude de Nietzsche: mas essa interpretação foi possível e o foi porque o movimento do pensamento de Nietzsche constitui *em última instância* (ressort) um *dédalo*, é dizer o contrário das *diretivas* que os sistemas políticos atuais demandam a seus inspiradores.

### ALFRED ROSEMBERG

No entanto, à prudência do fascismo italiano se opõe a afirmação hitleriana. Nietzsche, no panteão racista, não ocupa, é verdade, um lugar oficial. Chamberlain, Paul de Lagarde ou Wagner dão satisfações mais sólidas à profunda "admiração de si-mesma" que pratica a Alemanha do Terceiro Reich. Mas quaisquer que sejam os perigos da operação, essa nova Alemanha deveu reconhecer Nietzsche e utilizá-lo. Ele representava demasiados instintos mobilizados, disponíveis para não importa qual, quase mesmo não importa qual ação violenta; e a falsificação era ainda fácil demais. A primeira ideologia desenvolvida do nacional-socialismo, tal como saiu do cérebro de Alfred Rosenberg, acomoda Nietzsche.

Antes de qualquer coisa os chauvinistas alemães deviam se desembaraçar da interpretação stirneriana, individualista. Alfred Rosenberg, fazendo justiça ao nietzscheanismo de esquerda parece estar raivosamente determinado de coração (*avoir à coeur avec rage*) a arrancar Nietzsche às garras do jovem Mussolini ou de seus semelhantes :

*Friedrich Nietzsche, diz ele em seu Mythe du XXeme siècle<sup>16</sup>, representa o grito desesperado de milhões de oprimidos. Sua selvagem predicação do super-homem era uma amplificação possante da vida individual, subjugada, anulada pela pressão material da época... Mas uma época amordaçada há gerações não capta, por impotência, mais que o lado subjetivo da grande vontade e da experiência vital de Nietzsche. Nietzsche exigia com paixão uma personalidade forte: sua exigência falsificada deveio um apelo a um desencadeamento de todos os instintos. Em torno a seu brasão se aliaram os batalhões vermelhos e os profetas nômades do marxismo, uma sorte de homens cuja doutrina insensata jamais foi denunciada mais ironicamente que por*

---

<sup>16</sup> *Der Mythos der 20. Jahrhunderts*, Munich, 1932, p. 523.

*Nietzsche. Em seu nome a contaminação por negros e Sírios progrediu, enquanto que ele-mesmo se dobrava duramente à disciplina característica de nossa raça. Nietzsche caíra nos sonhos de gigolôs acalorados, o que é pior do que cair nas mãos de um bando de bandidos. O povo alemão não ouvia mais falar senão de supressão das restrições, de subjetivismo, de "personalidade", mas não era mais questão de disciplina e de construção interior. A mais bela parole de Nietzsche "Do porvir se aproximam ventos com estranhos golpes de asas e a suas orelhas retine a boa nova" não era mais que uma intuição nostálgica no meio de um mundo insano onde ele era, ao lado de Lagarde e Wagner, quase o único clarividente.*

"Se você soubesse o quanto eu ri na primavera passada lendo as obras desse cabeçudo sentimental e vaidoso que se chama Paul de Lagarde": é assim que Nietzsche se exprimia falando do célebre pangermanista<sup>17</sup>. O rir de Nietzsche poderia evidentemente se estender de Lagarde a Rosenberg, o rir de um homem que igualmente enojaram (*ont ecoeuré*) os sociais democratas e os racistas. A atitude

de um Rosenberg não deve aliás ser simplesmente tida por um nietzscheanismo vulgar (como se admite por vezes, como admite Edmond Vermeil). O discípulo não é somente vulgar mas prudente: o simples fato de que um Rosenberg fale de Nietzsche bastaria para "cortar as asas", mas parece a um homem dessa espécie que asas não estão jamais assaz roídas. Tudo o que não é nórdico deve ser, segundo ele, rigorosamente podado (*retranché*). Ora, só os deuses do céu são nórdicos!

*Enquanto que os deuses gregos, escreve ele<sup>18</sup>, eram os heróis da luz e do céu, os deuses da Ásia Menor não ariana assumiam todos os caracteres da Terra... Dionysos (ao menos por seu lado não ariano) é o deus do êxtase, da luxúria e do bacanal desencadeado... Durante dois séculos prosseguiu-se a interpretação da Grécia. De Winckelmann a Voss passando pelos clássicos alemães, insistiu-se sobre a luz, o olhar voltado para o mundo, o inteligível... A outra corrente — romântica — se nutriu dos afluxos secundários indicados ao fim da Iliada pela festa dos*

<sup>17</sup> Primeira carta a Th. Fritsch, citada mais acima, n. 4 e 6.

<sup>18</sup> *Der Mythos der 20. Jahrhunderts*, p. 55. Essa hostilidade do fascismo aos deuses ctonianos, aos deuses da Terra, é sem dúvida o que o situa o mais exatamente no mundo psicológico ou mitológico.

*mortos ou em Ésquilo pela ação das Erinias. Ela vivificou-se nos contra-deuses ctonianos do Zeus olympiano. Partindo da morte e seus enigmas, ela venera as deusas-mães, Deméter na cabeça, e finalmente desabrocha no deus dos mortos: Dionysos. É nesse sentido que Welcker, Rohde e Nietzsche fizeram da Terra-mãe uma genitriz, ela mesma informe, da vida que, perpetuamente, retorna pela morte a seu seio. O grande romantismo alemão tremelica dos frêmitos da adoração e como véus cada vez mais sombrios eram estendidos (tirés) diante da face radiante dos deuses do céu, ele se afundou sempre mais profundamente no instintivo, no informe, no demoníaco, no sexual, no extático, no ctoniano, no culto da Mãe.*

Há lugar de lembrar aqui antes de mais que Rosenberg não é o pensador oficial do Terceiro Reich, que obviamente seu anticristianismo não recebeu nenhuma consagração. Mas quando ele exprime sua repulsão pelos deuses da Terra e pelas tendências românticas que não têm por objeto imediato uma composição de força, sem a sombra de uma dúvida, ele exprime a repulsão do próprio nacional-socialismo.

O nacional-socialismo é menos romântico e mais maurassiano que se imagina por vezes e não se deve esquecer que Rosenberg dele é a expressão ideológica a mais próxima de Nietzsche: O jurista Carl Schmidt que não o encarna menos realmente do que Rosenberg toca de perto em Maurras e, de origem católica, sempre foi estranho à influência de Nietzsche.

### **UMA "RELIGIÃO HIGIÊNICA E PEDAGÓGICA" : O NEO-PAGANISMO ALEMÃO.**

É o "neo-paganismo" alemão<sup>19</sup> que introduziu a lenda de um nacional-socialismo poético. É na medida somente em que o racismo culmina nessa forma religiosa excêntrica, que exprime uma certa corrente vitalista e anticristã do pensamento alemão.

É exato que uma crença um pouco caótica mas organizada representa hoje livremente na Alemanha essa corrente mística que, a partir da grande época romântica, se exprimiu em escritos tais como os de Bachofen, de Nietzsche e mais recentemente de Klages<sup>20</sup>. Uma tal

<sup>19</sup> Sobre o neo-paganismo alemão, ver o artigo de <sup>a</sup> Béguin na *Revue des Deux-Mondes*, 15 de maio 1935.

<sup>20</sup> Devemos notar que a propósito do escritor contemporâneo Ludwig Klages, célebre sobretudo por

corrente jamais teve a menor unidade mas se distingue pela valorização da vida contra a razão e pela oposição de formas religiosas primitivas ao cristianismo. No interior do nacional-socialismo, Rosenberg dela representa a corrente a mais moderada. Teóricos profetas muito mais aventureiros (Hauer, Bergmann) se encarregam, em seguimento ao conde Reventlow, de tentar uma organização cultual análoga àquela das igrejas. Essa tentativa não é nova na Alemanha onde uma "comunidade da fé germânica" existia desde 1908 e onde o marechal Ludendorff ele-mesmo quis se fazer, após 1923, o chefe de uma igreja alemã. Após a tomada hitleriana do poder, as diversas organizações existentes reconheceram em congresso a comunidade de seus fins e se uniram para formar o "Movimento da fé alemã".

Mas se é um fato que os prosélitos da nova religião não opõem à exaltação romântica os limites estreitos e totalmente militares de Rosenberg, eles não estão menos de acordo sobre esse ponto que, o anticristianismo estando proclamado, a

vida sendo divinizada, sua única religião é a raça, é dizer, a Alemanha. O antigo missionário protestante Hauer se exalta: "Não há mais que uma virtude: ser Alemão!" E o extravagante Bergmann, ferido (*feru*) de psicanálise e de "religião higiênica" afirma que "Jesus de Nazaré, médico e benfeitor do povo, se voltasse hoje desceria da cruz à qual o prega ainda uma falsa compreensão; ele reviveria como médico do povo, como doutrinário da higiene da raça."

O nacional-socialismo não escapa à estreiteza tradicional e pedestre a não ser para melhor assegurar sua pobreza mental! O fato de que adeptos da nova fé pratiquem cerimônias no curso das quais são lidas passagens de Zaratustra acaba de situar essa comédia bem longe da exigência nietzscheana, na mais vulgar fraseologia dos charlatões (*bateleurs*) que se impõem por todos os lugares (*partout*) até o cansaço.

É enfim necessário ajuntar que os dirigentes do Reich parecem pouco inclinados, menos e menos inclinados, a sustentar esse movimento heteróclito: o quadro da parte feita na Alemanha de Hitler a um entusiasmo livre, anticristão,

---

seus trabalhos de caracterologia, o barão Sellière (*De la déesse nature à la déesse vie*, Alcan, 1931, p. 133) emprega a expressão de *acéfalo*... Klages é aliás o autor de um dos livros mais importantes que tenham sido consagrados a Nietzsche, *Die psychologischen Errungenschaften Nietzsches*, 2ª éd., Leipzig, 1930 (1ª

---

ed. : 1923).

dando-se uma aparência nietzscheana, se acaba pois vergonhosamente.

### MAIS PROFESSORAL...

Resta — talvez o mais sério — a tentativa conseqüente de M. Alfred Baeumler, utilizando conhecimentos reais e um certo rigor teórico para a construção de um nietzscheismo político. O pequeno livro de Baeumler, *Nietzsche, le philosophe et le politicien*<sup>21</sup>, publicado pelas edições Reclam em muito numerosos exemplares, faz sair do dédalo das contradições nietzscheanas a doutrina de um povo unido por uma comum vontade de potência. Um tal trabalho é possível e era fatal que fosse feito. Ele destaca de seu conjunto uma figura precisa, nova, remarcavelmente artificial e lógica. Que se suponha Nietzsche uma vez se perguntando: "Para que o que eu provei, o que eu percebi poderá ser *útil*?" É com efeito o que M. Baeumler não teria deixado de se perguntar em seu lugar. E como é impossível ser útil ao que não existe, M. Baeumler se reporta necessariamente à existência que se impõe a ele, que deveria ter-se imposto a Nietzsche, aquela da

comunidade à qual um e outro foram votados pelo nascimento. Tais considerações seriam corretas à condição de que a hipótese formulada tivesse podido receber um sentido no espírito de Nietzsche. Uma outra suposição permanece possível: o que Nietzsche provou, o que percebeu, não podia ser reconhecido por ele como uma utilidade mas como um fim. Da mesma forma que Hegel esperou que o Estado prussiano realizasse o espírito, Nietzsche teria podido, após tê-la vituperado, esperar obscuramente da Alemanha que ela desse um corpo e uma voz real a Zaratustra... Mas parece que a inteligência de M. Baeumler, mais exigente que aquela de um Bergmann, de um Oehler, elimina representações cômicas demais. Pareceu-lhe expediente negligenciar tudo aquilo que de maneira demasiado incontestável fora provado por Nietzsche como fim não como meio e ele o negligenciou abertamente por notas positivas.

Nietzsche falando da morte de Deus empregava uma linguagem transtornada (*bouleversé*), testemunhando da experiência interior a mais excedente. Baeumler escreve :

<sup>21</sup> *Nietzsche, der Philosoph und Politiker*, Leipzig, 1931; as duas passagens citadas, p. 98 e 80.



*Para compreender exatamente a atitude de Nietzsche em relação ao cristianismo, não se deve jamais perder de vista que a frase decisiva, Deus está morto, tem o sentido de uma constatação histórica.*

Descrevendo o que tinha provado da primeira vez que a visão do eterno retorno se lhe tinha apresentado, Nietzsche escrevia: “A intensidade de meus sentimentos me fazia a uma só vez tremer e rir... não eram lágrimas de enternecimento, eram lágrimas de júbilo...”

*Em realidade, afirma Baeumler, a idéia de retorno eterno é sem importância do ponto de vista do sistema Nietzsche. Devemos considerá-la como a expressão de uma experiência altamente pessoal. Ela é sem relação alguma com o pensamento fundamental da vontade de potência e mesmo, tomada a sério, essa idéia quebraria a coerência da vontade de potência.*

De todas as representações dramáticas que deram à vida de Nietzsche o caráter de um dilaceramento e de um combate ofegante da existência humana, a idéia de retorno eterno é certamente a mais inacessível. Mas da incapacidade de

acessar à resolução de não tomar a sério o passo franqueado é o passo do traidor. Mussolini reconhecia outrora que a doutrina de Nietzsche não podia ser reduzida à idéia de vontade de potência. À sua maneira M. Baeumler acuado à traição e franqueando o passo o reconhece com um estalo incomparável : emasculando em plena luz (*au grand jour*)...

### O "PAÍS DE MEUS FILHOS"

A colocação a serviço de Nietzsche exige antes de mais nada que toda sua experiência patética seja oposta ao sistema e dê lugar ao sistema. Mas sua exigência se estende mais longe.

Baeumler opõe à compreensão da revolução a compreensão do mito: a primeira estaria ligada segundo ele à consciência do futuro, a segunda a um sentimento agudo do passado<sup>22</sup>. É óbvio que o nacional-socialismo implica a submissão ao passado. Num artigo de *Esprit* (1º de nov. 1934, pp. 199-208), Levinas deu sobre esse ponto uma expressão filosófica do racismo em particular, mais profunda que aquela de seus partidários. Se dele citamos aqui o essencial, a oposição profunda entre o

---

<sup>22</sup> Cf. Sellièrre, op. cit., p. 37.

ensinamento de Nietzsche e seu encadeamento ressaíra dessa vez talvez com uma brutalidade assaz grande :

*A importância, escreve Levinas, atribuída a esse sentimento do corpo com que o espírito ocidental jamais quis se contentar, está na base de uma nova concepção biológica do homem. O biológico com tudo o que ele comporta de fatalidade devém mais que um objeto da vida espiritual, devém seu coração. As misteriosas vozes do sangue, os apelos do hereditário e do passado aos quais o corpo serve de enigmático veículo perdem sua natureza de problemas submissos à solução de um Eu (Moi) soberanamente livre. O Moi não aporta para resolvê-los mais que as próprias incógnitas desse problema. Ele é por elas constituído. A essência do homem não está mais na liberdade, mas numa espécie de encadeamento...*

*A partir daí, toda estrutura social que anuncia um abandono (affranchissement) em vista do corpo e que não o engaja devém suspeita como um renegamento, como uma traição... Uma sociedade de base consangüínea decorre imediatamente dessa concretização do espírito... Toda assimilação racional ou comunhão mística entre espíritos que não se apoie sobre*

*uma comunidade de sangue é suspeita. E não obstante, o novo tipo de verdade não saberia renunciar à natureza formal da verdade e cessar de ser universal. A verdade pode bem ser minha verdade no sentido mais forte desse possessivo — ela deve tender à criação de um mundo novo. Zaratustra não se contenta com sua transfiguração, ele desce de sua montanha e aporta um evangelho. Como a universalidade é compatível com o racismo? Há de haver aí uma modificação fundamental da idéia mesma de universalidade. Ela deve dar lugar à idéia de expansão, pois a expansão de uma força apresenta uma estrutura totalmente outra que a da propagação de uma idéia... A vontade de potência de Nietzsche que a Alemanha moderna reencontra e glorifica não é somente um novo ideal, é um ideal que aporta ao mesmo tempo sua forma própria de universalização : a guerra, a conquista.*

Levinas, que introduz sem se ocupar em justificá-la, a identificação da atitude nietzscheana à atitude racista, de fato, se limita a dar sem tê-la procurado uma estalante evidência à incompatibilidade delas e mesmo a seu caráter de contrários.

A comunidade sangüínea<sup>23</sup> e o encadeamento ao passado estão em sua conexão tão afastados quanto é possível, fora da vista de um homem que reivindicava com muito orgulho o nome de "sem pátria". E a compreensão de Nietzsche deve ser tida por vedada àqueles que não dão *toda* a devida importância (*qui ne font pas toute la part*) ao *paradoxo* de um outro nome que não era reivindicado com menos orgulho, aquele de FILHO DO PORVIR<sup>24</sup>. À compreensão do mito ligada por Baeumler ao sentimento agudo do passado responde o *mito* nietzscheano do *porvir*<sup>25</sup>. O porvir, o maravilhoso desconhecido do porvir, é o único objeto da festa nietzscheana<sup>26</sup>. "A humanidade, no pensamento de Nietzsche, tem muito mais tempo adiante do que atrás — como, de uma maneira geral, o ideal poderia ser/estar preso no

passado?"<sup>27</sup>. É o dom agressivo e gratuito de si ao porvir, em oposição à avareza chauvina, encadeada ao passado, que pode ele só fixar uma imagem assaz grande de Nietzsche na persona de Zarathustra exigindo ser renegado. Os "sem pátria", os desencadeados do passado que vivem hoje, como podem ver em repouso ser encadeado à miséria patriótica aquele dentre eles que o ódio por essa miséria votava ao PAÍS DE SEUS FILHOS? Zarathustra, quando os olhares dos outros estavam limitados aos países de seus pais, às suas pátrias, Zarathustra *via* o PAÍS DE SEUS FILHOS<sup>28</sup>. Em face de um mundo coberto de passado, coberto de pátrias como um homem coberto de feridas, não existe expressão mais paradoxal, nem mais apaixonada, nem maior.

### "NOSOUTROS SEM PÁTRIA..."

Há alguma coisa de trágico no simples fato de que o erro de Levinas é possível (pois trata-se sem dúvida nesse caso de um

<sup>23</sup> Nietzsche se interessa geralmente pela beleza do corpo e pela raça sem que esse interesse determine nele a eleição de uma comunidade sangüínea limitada (fictícia ou não). O elo da comunidade que ele tem em vista é sem dúvida o elo místico, trata-se de uma "fé", não de uma pátria.

<sup>24</sup> *Gai savoir*, # 377, sob o título *Nous autres, sans patrie*.

<sup>25</sup> *Den Mythos der Zukunft dichten!* Escreve Nietzsche em notas para Zarathustra (*Oeuvres complètes*, Leipzig, 1901, t. XII, p. 400).

<sup>26</sup> *Die Zukunft feiern nicht die Vergangenheit!* (n.do t.: o futuro festejar, não o passado) (mesma passagem que a citação precedente); *Ich liebe die Unwissenheit um die Zukunft* (n.do t.: Eu amo o desconhecimento quanto ao futuro - ou para utilizar a tradução empregada por Bataille em outros textos (*j'aime l'ignorance touchant l'avenir*): eu amo a ignorância tocando o porvir) (*Gai*

*savoir*, # 287).

<sup>27</sup> *Oeuvres posthumes* (*Oeuvres complètes*, Leipzig, 1903, t. XIII, p. 362).

<sup>28</sup> *Ainsi parlait Zarathoustra*, 2<sup>e</sup> partie, Le pays de la civilisation. "Eu sou caçado das pátrias e das terras natais. Não amo pois mais do que o país de meus filhos... Quero me redimir diante de meus filhos de ter sido o filho de meus pais."

erro, não de um *parti-pris*). As contradições pelas quais os homens morrem aparecem de um golpe estranhamente insolúveis. Pois se os partidos opostos adotando soluções opostas, resolveram em aparência essas contradições, não se trata mais do que de simplificações grosseiras: e essas aparências de solução não fazem mais do que afastar as possibilidades de escapar à morte. Os desencadeados do passado são os encadeados à razão, aqueles que não encadeia a razão são os escravos do passado. O jogo da política exige para se produzir posições assim tão falsas: e não parece possível que elas sejam mudadas. Transgredir com a vida as leis da razão, responder às exigências da vida mesmo contra a razão, é em política, praticamente, dar-se de pés e punhos ligados ao passado. E no entanto a vida não exige menos ser liberada do passado que de um sistema de mensurações racionais, administrativas.

O movimento apaixonado e tumultuoso que forma a vida, que responde ao que ela exige de estranho, de novo, de perdido, aparece por vezes portado pela ação política: não se trata mais do que de uma curta ilusão! O movimento da vida não se confunde com os movimentos limitados das formações políticas senão em

condições definidas<sup>29</sup>; em outras condições, ele se prossegue longe para além, lá onde precisamente se perdia o olhar de Nietzsche.

Longe para além, lá onde as simplificações adotadas para um tempo e para um fim muito curtos perdem seu sentido, lá onde a existência, lá onde o universo que a aporta aparecem de novo como um dédalo...

Para esse dédalo que ele só contém as possibilidades numerosas da vida, não para pobreza imediatas, o pensamento contraditório de Nietzsche se dirige ao grado de uma liberdade tenebrosa<sup>30</sup>. Ele parece mesmo escapar sozinho, no mundo que é agora, às preocupações prementes que nos fazem recusar a abrir os olhos assaz longe. Aqueles que percebem já o vazio nas soluções propostas pelos partidos, que não vêm mesmo na

---

<sup>29</sup> Uma revolução tal a revolução russa dá disso talvez a medida. A colocação em causa de toda a realidade humana numa reversão das condições materiais da existência aparece de um golpe em resposta a uma exigência sem piedade, mas não é possível prever dela o porte (la portée) : as revoluções deludem (dejouent) toda previsão inteligente dos resultados. O movimento da vida tem sem dúvida pouco de coisas a ver com as seqüências mais ou menos depressivas de um traumatismo. Ele se acha em *determinações obscuras*, lentamente ativas e criatrizes de que as massas não têm consciência logo de entrada. É sobretudo miserável confundi-lo com os reajustamentos exigidos por massas conscientes e operados sobre o plano político por especialistas mais ou menos parlamentares.

<sup>30</sup> Essa interpretação do “pensamento político” de Nietzsche, a única possível, foi remarcavelmente exprimida por Jaspers. Reenviamos (mais abaixo, p. 28) à longa citação que damos na resenha da obra de Jaspers

esperança suscitada por esses partidos mais que uma ocasião para guerras desprovidas de outro odor que não aquele da morte, buscam uma fé à altura das convulsões que sofrem: a possibilidade para o homem de reencontrar não mais uma bandeira e as matanças sem saída diante das quais vai essa bandeira, mas tudo o que no universo pode ser objeto de riso, de convulsa alegria ou de sacrifício...

*Nossos ancestrais, escrevia Nietzsche, eram cristãos de uma lealdade sem igual que, por sua fé, teriam sacrificado seu bem e seu sangue, seu estado e sua pátria. Nós — nós fazemos o mesmo. Mas por que então? Por irreligião pessoal? Por irreligião universal? Não, vocês sabem isso bem melhor, meus amigos! O SIM escondido em vocês é mais forte que todos os NÃO e todos os TALVEZ de que vocês estão doentes com sua época : e se é preciso que vocês vão sobre o mar, vosoutros emigrantes, esforcem-se em vocês mesmos para achar — uma fé....*<sup>31</sup>

O ensinamento de Nietzsche elabora a fé da seita ou da "ordem" cuja vontade dominatriz fará o destino humano livre,

arrancando-o ao assujeitamento racional da produção assim como ao assujeitamento irracional ao passado. Que os valores revertidos não possam mais ser reduzidos ao valor de utilidade, está aí um princípio de uma importância vital tão ardente que subleva com ele tudo o que a vida aporta de vontade tempestuosa de vencer. Fora dessa resolução definida, esse ensinamento não dá lugar mais que às inconseqüências ou às traições daqueles que pretendem tê-lo em conta. O assujeitamento tende a englobar a existência humana toda inteira e é o destino dessa existência livre que está em causa.

---

<sup>31</sup> É a conclusão do # 377do *Gai savoir, Nous autres, sans patrie*. Esse parágrafo caracteriza mais precisamente que qualquer outro a atitude de Nietzsche em face da realidade política contemporânea.

# HERÁCLITO

TEXTO DE NIETZSCHE

Esse retrato de Heráclito é extraído de “A filosofia na época trágica da Grécia”, uma das primeiras obras de Nietzsche, escrita em 1873, mas publicada após sua morte (não foi traduzida em francês). Porque Heráclito viu a lei no combate dos elementos múltiplos, no fogo o jogo inocente do universo, ele devia aparecer a Nietzsche como seu duplo, como um ser do qual ele-mesmo foi uma sombra. Se Heráclito “ergueu a cortina sobre o maior de todos os espetáculos” — o jogo do tempo destruidor — trata-se do espetáculo mesmo que se tornou a contemplação e a paixão de Nietzsche, no curso do qual devia lhe aparecer a visão carregada de espanto do eterno retorno. “Cada instante não existe mais do que na medida em que exterminou o instante presente, seu pai.” “A inconstância total de todo real é uma representação terrível e transtornante : sua ação é análoga à impressão daquele que num terremoto perde a confiança na terra firme”. O maior de todos os espetáculos, a maior de todas as festas é a morte de Deus. “Não caímos sem cessar? Para trás? De lado, para frente, para todos os lados?” Assim gritará mais tarde Nietzsche quando provará a alegria convulsa que chamou de a “morte de Deus” (*Gaia ciência*, # 125). Longe para além das casernas fascistas...



Heráclito era orgulhoso (*fier*) : e quando um filósofo chega ao orgulho, é um grande orgulho. Sua ação não o porta jamais a buscar um “público”, o aplauso das massas ou o coro adulator dos contemporâneos. Ir-se solitário pelas ruas pertence à natureza do filósofo. Seus dons são dos mais raros, e num sentido, contra-natureza, exclusivos e hostis mesmo em relação a dons semelhantes. A parede da satisfação de si-mesmo deve ser de diamante, para não romper nem se quebrar, pois tudo é/está em movimento contra ele. Sua viagem em direção à imortalidade está mais semeada de obstáculos que nenhuma outra; e no entanto, ninguém pode crer mais firmemente do que o filósofo que ele chegará ao gol (*but*) por essa via — ele não poderia se manter senão nas asas despregadas de todos os tempos; a não-consideração das coisas presentes e instantâneas compondo a essência da grande natureza filosófica. Ele tem a verdade: que a roda do tempo gire livremente para um ou outro sentido: jamais ela escapará à verdade. Importa aprender que parelhos homens viveram uma vez. Jamais se ousaria imaginar o orgulho de Heráclito como uma possibilidade ociosa. Todo esforço em

direção ao conhecimento parece, por sua natureza, eternamente insatisfeito e insatisfatório. Assim, ninguém quererá crer, a menos que informado pela história, na realidade de uma opinião de si tão real (*royal*) quanto aquela conferida pela convicção de ser o único e feliz pretendente da Verdade. Parelhos homens vivem em seu próprio sistema solar: é lá que é preciso encontrá-los. Um Pitágoras, um Empédocles, tratavam sua própria pessoa com uma sobrehumana estima, com um temor quase religioso; mas o laço da compaixão atado à grande convicção da migração das almas e da unidade de tudo o que é vivente, os reconduzia aos outros homens, para a salvação (*salut*) desses últimos. Quanto ao sentimento de solidão de que estava penetrado o ermitão efesiano do templo de Artemis, não se poderia provar alguma coisa dele senão no meio dos sítios alpestres os mais desolados. Nenhum sentimento de toda-poderosa piedade, nenhum desejo de vir em ajuda, de curar ou de salvar, emana dele. É um astro sem atmosfera. Seu olho, cujo ardor está todo dirigido para o interior, não tem mais que um olhar extinto e glacial, e como de pura aparência, para o fora. Por todos os lados, à sua volta, as vagas da loucura e da perversidade batem

na fortaleza de seu orgulho : ele delas se desvia com desgosto. Mas por seu lado, os homens de coração sensível evitam uma parelha lava como que escorrida em bronze; num santuário retirado, entre as imagens dos deuses, à sombra de uma arquitetura fria, calma e inefável, a existência de um tal ser se concebe ainda. Entre os homens, Heráclito, em tanto que homem, era inconcebível; e, se é verdade que se o pôde ver observando atentamente o jogo de crianças barulhentas, é verdade também que, fazendo isso, ele pensou (*a songé*) em algo que nenhum homem pensa em parelho caso : no jogo da grande criança universal, Zeus. Ele não tinha a mínima precisão dos outros homens, nem mesmo para seus conhecimentos; ele não se atinha minimamente a lhes colocar todas as questões que se lhes pode colocar, nem aquelas que os sábios se tinham esforçado por colocar antes dele. Falava com desprezo desses homens interrogadores, acumuladores, breve: desses homens “históricos”. “É a mim-mesmo que eu procurava e explorava”, dizia, servindo-se de um termo que define o aprofundamento de um oráculo: tudo como se ele tivesse sido o verdadeiro e

único executor da sentença délfica : “Conhece-te a ti-mesmo”.

Quanto ao que percebia nesse oráculo, ele o tinha pela sabedoria imortal e eternamente digna de interpretação, de um efeito ilimitado no longínquo porvir, a exemplo dos discursos proféticos da Sibila. Há nele o suficiente para a humanidade que mais tarde vier: Desde que ela queira somente interpretar como uma sentença de oráculo aquilo que ele “não exprime nem esconde” tal o deus délfico. E ainda que ele o anuncie “sem sorrir, sem ornamento nem perfume” mas antes com “uma boca espumante”, é preciso que isso chegue até os milênios do porvir. Pois o mundo precisa eternamente de Heráclito : ainda que Heráclito não tenha dele a mínima precisão. Que lhe importa sua glória?

A gloria entre “os mortais que sem cessar se escorrem” bradou ele com ironia. Sua gloria interessa sem dúvida aos humanos, mas não a ele-mesmo; a imortalidade dos humanos precisa dele, e não ele-mesmo da imortalidade do homem Heráclito. O que ele viu, a doutrina da lei no devir e do jogo na necessidade, deve desde agora ser visto eternamente: ele ergueu a cortina sobre o maior de todos os espetáculos.

# P R O P O S I Ç Õ E S

*Quando Nietzsche esperava ser compreendido após 50 anos, ele não podia entendê-lo somente no sentido intelectual. Aquilo pelo que ele viveu e se exaltou exige que a vida, a alegria e a morte sejam postas em jogo e não a atenção fatigada da inteligência. Isso deve ser enunciado simplesmente e com a consciência de se engajar. O que se passa profundamente na reversão dos valores, de uma maneira decisiva, é a tragédia ela-mesma: não resta muito lugar para o repouso. Que o essencial para a vida humana seja exatamente o objeto dos horrores súbitos, que essa vida seja portada no rir ao cúmulo da alegria pelo que acontece de*

*mais degradante, tais estranhezas colocam o que se passa de humano à superfície da Terra nas condições de um combate mortal: elas colocam na necessidade de quebrar para “existir” o encadeamento da verdade reconhecida. Mas é vão e excedente se endereçar àqueles que não dispõem senão de uma atenção fingida : o combate sempre foi uma (inter)empresa mais exigente do que as outras. É nesse sentido que devém impossível recuar diante de uma compreensão conseqüente do ensinamento de Nietzsche. Isso em direção a um desenvolvimento lento em que nada pode ser deixado na sombra.*

# 1 - PROPOSIÇÕES SOBRE O FASCISMO

1. A mais perfeita organização do Universo pode se chamar Deus”<sup>32</sup>.

O fascismo que recompõe a sociedade a partir de elementos existentes é a forma a mais fechada da organização, é dizer, a existência humana mais próxima do Deus eterno.

Na revolução social (mas não no stalinismo atual), a decomposição atinge ao contrário seu ponto extremo.

A existência se situa constantemente no oposto de duas possibilidades igualmente ilusórias : ela é “ewige Vergottung und Entgottung”, “uma eterna integração que diviniza (que rende Deus) e uma eterna desintegração que aniquila Deus nela-mesma”.

A estrutura social destruída se recompõe desenvolvendo lentamente nela uma aversão pela decomposição inicial.

A estrutura social recomposta — seja em seguida a um fascismo ou a uma revolução negatriz — paralisa o movimento da existência, que exige uma

desintegração constante. As grandes construções unitaristas não são mais que pródromos de um desencadeamento religioso que levará o movimento da vida para além da necessidade servil.

O charme, no sentido tóxico da palavra, da exaltação nietzscheana vem de que ela desintegra a vida portando-a ao cúmulo da vontade de potência e da ironia.

2. O caráter sucedâneo do indivíduo em relação à comunidade é uma das raras evidências que ressaem das investigações históricas. É à comunidade unitária que a pessoa empresta sua forma e seu ser. As crises as mais opostas culminaram (*ont abouti*) sob nossos olhos na formação de comunidades unitárias semelhantes: não havia aí pois nem doença social, nem regressão; As sociedades reencontravam seu modo de existência fundamental, sua estrutura de todos os tempos, tal como ela se formou ou reformou nas circunstâncias econômicas ou históricas as mais diversas. A protestação dos seres humanos contra uma lei fundamental de sua existência não

<sup>32</sup> Volonté de puissance, f 712 (Oeuvres complètes,

Leipzig, 1908, t. XVI, p. 170).

pode evidentemente ter mais do que uma significação limitada. A democracia que repousa sobre um equilíbrio precário entre as classes não é talvez mais que uma forma transitória; ela não aporta consigo somente as grandezas mas também as pequenezas da decomposição.

A protestaçoão contra o unitarismo não tem lugar necessariamente num sentido democrático. Ela não é necessariamente feita em nome de um *aquém* (*en-deçà*) : as possibilidades da existência humana podem desde agora ser situadas *além* (*ao-delà*) da formação das sociedades *monocéfalas*.

3. Reconhecer o pouco porte da cólera democrática (em grande parte privada de sentido dado que os stalinistas a partilham) não significa em medida alguma a aceitação da comunidade unitária. Estabilidade relativa e conformidade à lei natural não conferem em caso algum a uma forma política a possibilidade de parar o movimento de ruína e criação da história, ainda menos de satisfazer de uma vez as exigências da vida. Muito pelo contrário, a existência social fechada e sufocada está condenada à condensação de forças de explosão decisivas, o que não é realizável no interior de uma sociedade democrática. Mas seria um erro grosseiro imaginar que

um levante (*poussée*) explosivo tivesse por fim exclusivo e mesmo simplesmente por fim necessário a destruição da cabeça e da estrutura unitária de uma sociedade. A formação de uma estrutura nova, de uma “ordem” se desenvolvendo e flagelando (*sévissant*) através da terra inteira, é o único ato liberador real e o único possível — a destruição revolucionária sendo regularmente seguida da reconstituição da estrutura social e de sua cabeça.

4. A democracia repousa sobre uma neutralização de antagonismos relativamente fracos e livres; ela exclui toda condensação explosiva. A sociedade monocéfala resulta do jogo livre das leis naturais do homem, mas cada vez que é formação secundária, ela representa uma atrofia e uma esterilidade da existência desoladoras (*accablantes*).

A única sociedade plena de vida e de força, a única sociedade livre é a sociedade *bi* ou *policéfala* que dá aos antagonismos fundamentais da vida uma saída explosiva constante mas limitada às formas as mais ricas.

A dualidade ou a multiplicidade das cabeças tende a realizar num mesmo movimento o caracter *acéfalo* da existência, pois o princípio mesmo da cabeça é redução à unidade, *redução* do

mundo a Deus.

5. “A matéria inorgânica é o seio materno. Estar liberado da vida, é redevir *verdadeiro*; é se tornar perfeito (se *parachever*). Aquele que compreendesse isso consideraria como uma festa retornar à poeira insensível”.<sup>33</sup>

“Acordar a percepção igualmente ao mundo inorgânico; uma percepção absolutamente precisa — lá reina a “verdade”! — a incertitude e a ilusão começam com o mundo orgânico”.<sup>34</sup>

“Perda em toda a especialização: a natureza sintética é a natureza superior. Ora, toda vida orgânica é já uma especialização. O mundo inorgânico que se acha atrás dela representa a maior síntese de forças; por essa razão, ele aparece digno do maior respeito. Lá o erro, a limitação perspectiva não existem de todo”.<sup>35</sup>

Esses três textos, o primeiro resumindo Nietzsche, os dois outros fazendo parte de seus escritos póstumos, revelam ao

mesmo tempo as condições de esplendores e de miséria da existência. Ser livre significa não ser função. Deixar-se fechar numa função, é deixar a vida se emascular. A cabeça, autoridade consciente ou Deus, representa aquela das funções servis que se dá e se toma ela-mesma por um fim, em consequência aquela que deve ser o objeto da aversão a mais vivaz. É limitar o porte dessa aversão dá-la como o princípio da luta contra os sistemas políticos unitários : mas trata-se de um princípio fora do qual uma tal luta não é mais do que uma contradição interior.

<sup>33</sup> Cf. Andler, Nietzsche sa vie et sa pensée, t. VI, N.R.F., 1931, p.307 et Oeuvres posthumes, Epoque du “Gai savoir”, 1881-2, # 497 et 498 (Oeuvres complètes, Leipzig, 1901, t. XII, p.228).

<sup>34</sup> Oeuvres posthumes, 1883-8 (Oeuvres complètes, Leipzig, 1903, t. XIII, p. 228); tr. Fr. dans Oeuvres posthumes, Mercure, 1934, p. 140, # 332.

<sup>35</sup> Id. même page; tr. fr., # 333



## 2 - PROPOSIÇÕES SOBRE A MORTE DE DEUS

6. O *acéfalo* exprime mitologicamente a soberania votada à destruição, a morte de Deus, e nisso a identificação ao homem sem cabeça se compõe e se confunde com a identificação ao super-humano que É todo inteiro “morte de Deus”.

7. Super-homem e *acéfalo* estão ligados com um estalo igual à posição do tempo como objeto imperativo e liberdade explosiva da vida. Num e noutro caso o tempo devém objeto de êxtase e importa secundariamente que ele apareça como “retorno eterno” na visão de Surlej ou como “catástrofe” (*Sacrifícios*) ou ainda como “tempo explosão” : ele é então tão diferente do tempo dos filósofos (ou mesmo do tempo heiddegeriano) quanto o cristo dos santos eróticos o é do Deus dos filósofos gregos. O movimento dirigido ao tempo entra de um golpe na existência concreta enquanto que o movimento em direção a Deus dela se desviava durante o primeiro período.

8. O tempo extático não pode se achar senão na visão das coisas que o acaso pueril faz bruscamente sobrevirem : cadáveres, nudezes, explosões, sangue espalhado, abismos, estalo do sol e do

trovão.

9. A guerra, na medida em que é vontade de assegurar a perenidade de uma nação, a nação que é soberania e exigência de inalterabilidade, a autoridade de direito divino e Deus ele-mesmo representam a obstinação desesperada do homem em se opor à potência exuberante do tempo e em achar a seguridade numa ereção imóvel e próxima do sono. A existência nacional e a militar estão presentes no mundo para tentar negar a morte reduzindo-a a um componente de uma glória sem angústia. A nação e o exército separam profundamente o homem de um universo entregue à despesa perdida e à explosão incondicional de suas partes : profundamente, ao menos na medida em que as precárias vitórias da avareza humana são possíveis.

10. A Revolução não deve ser considerada somente em seus sustentáculos e resultados (*tenants et aboutissants*) abertamente conhecidos e conscientes mas na sua aparência bruta, seja ela o feito dos puritanos, dos enciclopedistas, dos marxistas ou dos anarquistas. A Revolução em sua existência histórica

significativa, que domina ainda a civilização atual, se manifesta aos olhos de um mundo mudo de medo como a explosão súbita de sublevações (*emoções: émeutes*) sem limites. A autoridade divina, pelo fato da Revolução, cessa de fundar o poder: a autoridade não pertence mais a Deus mas ao tempo cuja exuberância livre mete os reis à morte, ao tempo encarnado hoje no tumulto explosivo dos povos. No fascismo ele mesmo, a autoridade foi reduzida a se fundar sobre uma pretensa revolução, homenagem hipócrita e constrangida à única autoridade imponente, aquela da mudança catastrófica.

11. Deus, os reis e sua seqüela se interpuseram entre os homens e a Terra — da mesma maneira como o pai diante do filho é um obstáculo à violação e à posse da Mãe. A história econômica dos tempos modernos é dominada pela tentativa épica mas decepcionante dos homens encarnecidos (*acharnés*) em arrancar sua riqueza à Terra. A terra foi eventrada, mas do interior de seu ventre, o que os homens extraíram, é antes de tudo o ferro e o fogo, com os quais eles não cessam de se eventrar entre si. A incandescência interior da Terra não explode somente nas crateras dos vulcões

: ela enrubesce (*rougeoie*) e cospe a morte com sua fumaça na metalurgia de todos os países.

12. A realidade incandescente do ventre maternal da terra não pode ser tocada e possuída por aqueles que a malconhecem. É o malconhecimento da Terra, o olvido do astro sobre o qual vivem, a ignorância da natureza das riquezas, da incandescência que está encerrada (*close*) nesse astro, que fez do homem uma existência à mercê das mercadorias que ele produz, cuja parte a mais importante é/está consagrada à morte. Em tanto que os homens olvidarão a verdadeira natureza da vida terrestre, que exige a embriaguez extática e o estalo (*éclat*), essa natureza não poderá apelar à (*se rappeler à*) atenção dos contabilistas e dos economistas de todo partido a não ser abandonando-os aos resultados os mais acabados de sua contabilidade e de sua economia.

14. Os homens não sabem gozar livremente e com prodigalidade da Terra e de seus produtos: a Terra e seus produtos não se prodigalizam e não se liberam sem medida senão para destruir. A guerra átona, tal como a ordenou a economia moderna, ensina também o sentido da Terra, mas ela o ensina a renegados cuja cabeça está cheia de cálculos e

considerações curtas, eis porque ela ensina com uma ausência de coração e uma raiva deprimente. No caráter desmesurado e dilacerante da catástrofe sem finalidade que é a guerra atual, é-nos no entanto possível reconhecer a imensidade explosiva do tempo: a Terra mesma permaneceu a velha divindade ctoniana, mas com as multidões humanas ela faz também cair por terra o deus do céu numa avacalhação sem fim.

15. A busca de Deus, da ausência de movimento, da *tranqüilidade*, é o medo que fez soçobrar (*a fait sombrer*) toda tentativa de comunidade universal. O coração do homem não é inquieto somente até o momento em que se repousa em Deus : a universalidade de Deus permanece ainda para ele uma fonte de inquietude e o apaziguamento não se produz a não ser que Deus se deixe fechar no isolamento e na permanência profundamente imóvel da existência militar de um grupo. Pois a existência universal é ilimitada e por isso sem repouso: ela não refecha a vida sobre ela-mesma mas a abre e a relança na inquietude do infinito. A existência universal, eternamente inacabada, acéfala, um mundo semelhante a uma ferida que sangra, criando e destruindo os seres particulares finitos : é nesse sentido que a

universalidade verdadeira é morte de Deus.

Georges BATAILLE

# NIETZSCHE

## E A MORTE DE DEUS

### NOTA A PROPÓSITO DO "NIETZSCHE" DE JASPERS<sup>36</sup>

#### IMANÊNCIA

#### E

#### VONTADE DE IMANÊNCIA

Como outros filosofaram em presença da divindade, Nietzsche filosofou, se se pode dizer, em presença da ausência da divindade, e é sem dúvida mais terrível. Kierkegaard está "diante de Deus", Nietzsche está diante do cadáver decomposto de Deus. Bem mais, enquanto Kierkegaard pensa que Deus quer minha morte, Nietzsche pensa que o homem deve querer sem cessar de novo a morte de Deus. Essa morte não é somente um fato, ela é a ação de uma vontade. Para que o homem seja verdadeiramente grande, verídico, criador, é preciso que Deus esteja morto, que ele seja matado, que ele esteja ausente. Privando-o de Deus, aporto o homem ao imenso dom que

é a perfeita solidão, ao mesmo tempo que a possibilidade da grandeza e da criação. A angústia diante da morte desaparece. "Isto me torna feliz, diz Nietzsche, ver que os homens não podem pensar até o extremo o pensamento da morte." "Nossa única certeza, a certeza da morte, não pode quase nada sobre nós", e está bem assim. E está bem também que "mais nossa vida tem plenitude e valor, mais nós estaremos prestes a dá-la por uma só sensação agradável". O homem se inclinará para a morte sem a temer, cada um para a morte que é a sua. Bem mais, a idéia de festa está ligada freqüentemente por Nietzsche à idéia de morte. Façamos festa à morte, façamos da morte uma festa, será ainda a melhor maneira de nos vingarmos da traição da vida.

#### II

<sup>36</sup> 1 Karl Jaspers, Einführung in das Verstaendnis seines Philosophierens, Berlin, 1936. Sobre essa obra, se achará uma resenha mais geral p. 28.

## VONTADE DE IMANÊNCIA E VONTADE DE TRANSCENDÊNCIA

A filosofia de Nietzsche, é essencialmente, nos diz Jaspers, a afirmação do mundo como pura imanência. É esse mundo aqui que é o ser. Mas assim como a crença de Kierkegaard é uma crença que duvida, assim a negação de Nietzsche. A ausência de Deus não é erro nem verdade. E eis porque o pensamento da ausência de Deus é paixão, é vontade assim como em Kierkegaard o pensamento de Deus é paixão e vontade. Nietzsche viu essa realidade da morte de Deus querendo-a como nós o vimos; e ao mesmo tempo sem a querer. Ele quer Deus ao mesmo tempo que quer a morte de Deus. E o pensamento da ausência de Deus não suprime nele o instinto criador de Deus. Tal é a "existenzielle Gottlosigkeit" de que fala Jaspers.

### III

## TRANSCENDÊNCIA

Nietzsche está abalado, depois  
transpassado pela idéia dessa

transcendência que ele nega. E o sério desse abandono de si, tal que Nietzsche o cumpriu, não é, se pergunta Jaspers, como a imagem da perda e do sacrifício de si sob a influência da transcendência?

"Por oposição ao positivismo, ao naturalismo, ao materialismo, há nele uma negatividade universal, uma insatisfação sem limite diante de todo aspecto do ser. E esse arranque da insatisfação e da negação se faz com uma tal paixão, com uma tal vontade de sacrifício, que ela parece vir da mesma profundidade que as grandes religiões e as crenças dos profetas." A imoralidade de Nietzsche é negação da falsa moral; assim como, nos diz Jaspers, sua negação de Deus é ligação autêntica com o ser, afirmação do sim, vontade de substância. O não quando radical pode, por sua própria força, por seu frenesi, se transformar em sim, e o niilismo, niilismo dos fortes e não mais niilismo dos fracos, em filosofia positiva. Nesse niilismo que se transcende, que se nega, o ser se revela. Pela ferida mesma que sente nele, por sua dor de Deus dilacerado, Nietzsche atinge o fundo do ser, o tempo. Ele tem o olho fixo a uma só vez sobre a roda do eterno retorno e sobre a linha, finita-infinita, do mais longínquo

horizonte, do super-humano. Une nele Ixion e Prometeu.

Se a necessidade e a vontade, o passado e o porvir vêm se fundir, se o mais alto fatalismo vem, segundo a expressão mesma de Nietzsche, se identificar com o acaso e com a criação, com a atividade a mais alta, se o mundo absurdo e incompleto da insatisfação perpétua, recebendo o selo e a bênção da eternidade, devém o mundo completo da eterna satisfação não é porque a identidade dos opostos é a expressão transcendente do ser em tanto que ele não pode ser apanhado em nenhuma categoria? E não sabemos nós que os círculos e as antinomias não são mais do que meios para tocar de viés e na sombra o que depassa toda lei, toda *parole*, toda forma?

Jean WAHL



## REALIZAÇÃO DO HOMEM

Num mundo em decomposição, que se fixa (fige) na só contemplação e presciência de seu fim — cujos atos matam tudo o que tinham extraído de vivível, quando vêm a se produzir — a voz de Nietzsche se eleva, incitante e provocatriz, carregada de toda a dor como de toda a alegria que Zarathustra porta nele. Tudo o que para nós está condenado a perecer de uma morte miserável, nossa civilização, parece-nos então oferecer possibilidades novas — a vaga humana e cósmica que nos carrega se retira, como o mar, para re-vir. A presença de Nietzsche basta para cambiar essa desapareição difícil em aurora de uma nova nascença.

Desenrolando um a um os cueiros da ferida de que sofria em seu ser até à loucura, Nietzsche arranca à existência a máscara que a tornava indigna. "Nosso maior grilo (grief) contra a existência era a existência de Deus". O pessimismo necessário acha nessa descoberta a saída. Ele se cambia em afirmação trágica da vida.

A morte de Deus não é em Nietzsche uma descoberta do espírito mas uma revelação e uma afirmação da vida que desnuda, do

mundo caótico, glaciário e exasperado com o qual ele entra em contato. Se disso as conseqüências são extremas, elas o são para o homem, lugar das metamorfoses do mundo em devir. O círculo está enfim quebrado do qual Deus era a expressão perfeita. Não se trata mais de procurar as razões pelas quais esse círculo estava fechado inelutavelmente sobre a existência. "Não pode se tratar de adequação perfeita mas de adequação útil". Não se trata mais de interpretação, nem de explicação, nem de contemplação. A questão que coloca Nietzsche com uma insistência acrescida é aquela da realização do homem.

Viver, é inventar! A existência dada, presa desde a nascença no jogo das forças que fazem, desfazem e refazem o mundo a cada instante do tempo, não é nem uma redenção, nem uma humanização, mas por re-aporte ao mundo que a condiciona e só na medida em que ela se opõe a ele, um parto doloroso, uma criação. A vida que a gente se esforça em vão por encerrar em fórmulas explicativas ou por paralisar em doutrinas, explode, e é no centro de sua efervescência contínua e incoerente que a devemos nos colocar

para dela extrair a potência e não mais ter a crer nem a esperar.

Sós, Marx antes dele e Freud após, ajudaram, por outros meios, esse cumprimento do homem que, sem nos permitir concluir por sua inelutabilidade, justifica as gestações monstruosas do mundo que nos cerca — cumprimento que vai da dor e da angústia e pela dor e pela angústia, à alegria, "a eterna alegria do devir, essa alegria que porta em si a alegria do aniquilamento" — mas jamais uma voz humana nos falou "de tão perto" quanto aquela de Nietzsche. Como na visão, o objeto se precisa e se afirma até sua integração e sua perda totais, o super-homem nos aproxima de nós mesmos e de nossa desapareição. O vazio da existência não é cumulado — mas a possibilidade do gesto que a mata e cria conjuntamente nos é/está oferecida.

Jean ROLLIN

# CRIAÇÃO DO MUNDO

Ser um grande senhor que porta a espada; botar no cu (*culbuter*) de meninas, damas e senhoritas; dar esmola aos pobres à condição de que reneguem Deus, despojar a viúva e o órfão, não contabilizar nem rendas, nem dívidas; manter poetas à condição de que eles cantem o delírio dos sentidos, pintores capazes de reter os movimentos da volúpia, engenheiros para o prazer de um terremoto sob encomenda, químicos para experimentar venenos lentos e fulminantes; fundar algumas casas de educação para aí recrutar um harém de icoglans<sup>37</sup> e odaliscas, caçar a criança nua, a pé ou a cavalo; oferecer banquetes ao populacho sobre um cavalete provido de armadilhas que o engolem na sobremesa; mas se nem tudo é possível, fazer representar espetáculos estranhos, fazer celebrar a missa para profanar a hóstia, a fim de fazer vir o diabo, e se tudo isso é tedioso a longo prazo, se nos espantamos de que nenhuma advertência visível e clara venha nos parar, tentar se fazer medo por um outro meio, fazer-se supliciar de golpes por seus valetes. Mas se o mundo espantado lhe demanda

razões para tudo isso, afirmar que Deus não existe, mas que, ao contrário, Tibério e Nero existiram, que um fez crucificar o filho de Deus, que o outro jogou aos leões seus discípulos, e que, a imortalidade da alma sendo um engodo, trata-se de se immortalizar no mundo por crimes mais do que por bons feitos, o reconhecimento sendo passageiro e o ressentimento eterno. Breve, aceitar sorrindo passar por um porção de Epicuro ou sê-lo; rodear-se de uma corte de sábios e de poetas, de artistas e de atores, de carrascos e de súditos próprios a todos os caprichos do momento. pois o momento é todo cheio de exigências, pois o momento é insuperável (*insurmontable*).

Ser esse senhor, é uma coisa. É já uma outra ser esse grande senhor dentro de uma cela, não ter mais do que intenções de grande senhor e saber que é precisamente por ter tido essas intenções que se encontra no presente entre quatro paredes. Com efeito restaram intenções: cogitava-se somente realizá-las? É à pena se se tentou o quinto desse admirável programa. Mas por si sós essas intenções eram de um peso esmagador e eis que entre essas paredes, elas liberam seu

<sup>37</sup> NdT. Palavra turca para o oficial que servia no interior do palácio do sultão.

insuportável segredo. Em liberdade, havia-se julgado espiritual de se nomear “supliciado na roda” (“roué”): e no entanto, era aos Damiãos, aos Mandrin, aos Cartouche que o carrasco rompia os ossos. Na célula, nobreza obriga ainda : se nós, nós, da raça dos fortes, transgredimos as leis para a proteção do fraco, não foi retornando assim nossa própria força contra nós mesmos para dela fazermos a última experiência que o conseguimos? Ao fogo de nossas paixões que sublevaram contra nós a vontade geral, acendamos a chama da filosofia, deleitemo-nos com ela incendiando o mundo: não somos nós, nós-mesmos, já mais que um braseiro ardente? Por trás desses muros, uma revolução ruge (*gronde*): os esfomeados de ontem serão os mestres de hoje, pois é preciso que cada um tenha sua vez : mas conhecem eles somente a fome que nos devora em nossa saciedade, nós os saciados de ontem: em verdade teremos a sofrer dos novos repastados, nós-outros esfomeados de uma nova sorte! Livres, nos considerávamos como uma força da Natureza, como os agentes de suas intenções, aceitávamos toda a vantagem que ela oferece de preferência ao forte a expensas do fraco, prontos a lhe restituir assim que ela o reclamasse. Entre as

quatro paredes de nossa célula, privados de nossos alquimistas e de nossos artistas, de nossos sábios e de nossos poetas, de nossos comediantes e de nossas vítimas, seremos nós mesmos alquimista e poeta, artista e sábio, carrasco e comediante, comediante e vítima. Recolocados em liberdade não teremos do grande senhor mais do que as maneiras e os gostos, não teremos do grande senhor mais do que a má consciência, pois não seremos mais do que consciência e seremos a consciência ela mesma.

Tanto e tão bem que com essa consciência é menos possível gozar de uma existência aparentemente impune que viver, a título de punição dando direito às intenções inconfessáveis, viver confundido na turba de seus contemporâneos conservadores ou democratas, todos igualmente preocupados em acumular riquezas pretendendo, ao mesmo tempo, organizar o progresso social, a unidade nacional e o Império, viver entre eles não tendo para deles se distinguir mais que essa nobre má consciência que herdamos, o único bem que tenhamos herdado, se é verdade que filosofar é obedecer às leis de um atavismo de ordem superior : essa

nobre má consciência que nutre a constatação escandalosa que fizemos: o mundo moderno se envilece por seguimento da ausência de escravos. Constatação que custa caro àquele que está só a suportar as conseqüências que é o único a tirar de sua constatação.

Aceitar nessas condições uma cátedra de filologia na universidade de Basileia, é tomar o mais prudente incógnito, pois a que tende o exercício de uma atividade intelectual ou científica senão a satisfazer antes de mais nada a curiosidade nativa do indivíduo que somos. A satisfazê-la a expensas mesmo do meio social ao qual devemos nossos meios de conhecimento. E é assim que amaríamos “conduzir o adolescente à Natureza e lhe mostrar por toda parte o reino de suas leis: depois as leis da sociedade burguesa. É então que a questão não deixaria de se fazer escutar: era preciso que fosse assim? E pouco a pouco o adolescente teria precisão de história para aprender como se veio ao estado presente. Mas aprendendo assim a história, aprenderia também como ele mesmo teria podido devir outro. Qual é a potência do homem sobre as coisas? Tal deveria ser a questão inicial de toda educação. E então para mostrar como

teria podido ser totalmente outramente nesse mundo, evocaríamos o exemplo dos Gregos, depois, aquele dos Romanos, para mostrar como se veio até onde estamos”.

Mas quem pretende assim do alto de uma cadeira de filologia aniquilar a autoridade de dois mil anos, vê bem cedo os mais simpatizantes de seus colegas se afastarem à sua passagem, vê seu grupo de alunos se dispersar, arrisca dilapidar o melhor de si mesmo no vão esforço de marcar a jovem geração com seu próprio destino.

Pois está aí suportar um destino incambiável, — e mais teria valido talvez não ter nascido, — sentir um dia que o criador não mais criou esse dia como os dias precedentes; que não se saiu mais de suas mãos ao despertar; que não se é mais do que a espuma do nada sonhador (*songeur*); e que o mundo agora periclita a olhos vistos desde que as veias divinas se dessecaram : tudo o que se vê, tudo o que rodeia você, parece o cadáver do Criador; ou bem, batido de torpor, prova-se os limites de um verme enclausurado sobre esse cadáver; com ele o mundo exangue se decompõe e se encontra a felicidade de

um verme na decomposição eterna do infinito cadáver de Deus; ou bem, atormentado por uma piedade clarividente, tem-se a força de se reconhecer na incomensurável carniça e de dizer: sou eu! sou eu! sou eu que sofro as injúrias da vermínia!

Tal é a impudência daqueles que viram o Criador em seus últimos instantes. Tal é também o seu único remédio. Que lhes resta do mundo, subtraído a suas impulsivas investigações, subtraído a seu insaciável amor, que lhes resta do mundo que decompõe por seu trabalho essa raça de laboriosos impotentes, doentes de não poderem possuir o mundo à medida do mundo? Resta-lhes ainda a Natureza, sua própria natureza. A Natureza, diz-se, é o objeto da pesquisa científica. O homem que se considera como um produto da Natureza, enquanto Sábio se compreenderá então nessa pesquisa: e será a Natureza estudada pela natureza e nele a serpente que morde a própria cauda encontrará sua satisfação. Mas eis o que precisamente inquieta a Sociedade que não ama os homens-serpentes. No curso de sua freqüentação da Natureza, o pesquisador descobre em cada reino modos de existência e modos de gozo,

modos de potência e modos de adoração que são tantas sugestões e tantas inspirações; a Sociedade conta com o pesquisador para ser prevenida : suas sugestões são apropriadas a manter a vida da comunidade ou podem elas prejudicar a manutenção da ordem? Para poder cultivar as ciências sem perigo, a Sociedade exige do Sábio não ter segredo com a Natureza. Ela exige dele que se considera como a Natureza estudada pela natureza, que queira respeitar a linha de demarcação que separa a Natureza do Sábio.

Mas aquele que assistiu o Criador em seus últimos momentos, que viu os membros divinos presa da vermínia, que se sentiu como o sofrimento póstumo de Deus e que sepultando Deus, perdeu o mundo, não tem mais contas a prestar à Sociedade, não conhece mais linha de demarcação entre a Natureza e ele mesmo, franqueia essa linha e, desesperando de criar jamais, se metamorfoseia de Sábio que era em Natureza sábia, e não é senão um último vestígio de pudor e modéstia verdadeiramente exagerada, não é senão um respeito demasiado por sua mãe, sua irmã e seus contemporâneos, se mantém o exterior conveniente, grave e pacífico de um professor.



Pierre KLOSSOWSKI

## DUAS INTERPRETAÇÕES RECENTES DE NIETZSCHE

I. - Karl JASPERS, *NIETZSCHE, EINFUEHRUNG IN DAS VERSTAENDNIS SEINES PHILOSOPHIERENS*. - Berlim, 1936.

A única obra dando uma representação de conjunto da vida e do pensamento de Nietzsche era até hoje a de Charles Andler. Andler determinou na quadratura de sua própria inteligência das coisas o movimento do pensamento nietzscheano: sua interpretação vale mais ou menos o que vale uma tal inteligência. Na medida em que está impregnada pelo hegelianismo e pela sociologia francesa, ela projeta sobre o sistema de Nietzsche uma luz inabitual; na medida em que é aquela de um professor menos propenso aos perigos da angústia filosófica que às tranqüilas exposições de história literária, ela aplaina... A obra de Jaspers responde a um plano análogo àquele de Andler, mas ele acrescenta a esse novo “manual” todo o interesse que toca à personalidade de Jaspers, um daqueles que devolvem vida hoje à grande filosofia alemã. Porque é um filósofo da tragédia, foi possível a Jaspers entrar na filosofia de Nietzsche, seguir seu movimento contraditório sem jamais

reduzi-lo a concepções já feitas. A inteligência livre de Jaspers segue mesmo a vida com uma fidelidade tão constante que culmina naquilo que pode devir o princípio de uma elusão das conseqüências: às exigências nietzscheanas formuladas na febre, Jaspers não responde senão relançando-as a possibilidades vagas: “nada nos é dado acabado mas somente na medida em que o conquistamos”, afirma ele. Como evitar provar uma vez mais diante de uma tão bela frase o tácito encabeçamento (*teimosia*) humano que recusa ao pensamento a possibilidade de ser exprimido por atos, em vez de glosas.

Mas com o domínio político, estando dado que aí não se visam os problemas últimos mas meios termos, a vontade de não estar ligado e a mobilidade da análise se revelam, só elas, aptas a captar uma atitude desconcertante. A exposição de Jaspers quebra enfim as molduras preestabelecidas em que se tentava fazer entrar mutilando-a, a “política” nietzscheana. Uma passagem significativa dessa exposição marca talvez melhor que qualquer outra consideração a distância

que separa Nietzsche da interpretação fascista<sup>1</sup>.

“Aquilo pelo que Nietzsche se distingue dos outros pensadores políticos é a ausência nele dessa delimitação nocional da política que os caracteriza todos. No mais das vezes, eles a conceberam seja num sentido teológico e transcendental em relação a Deus e à transcendência, seja em relação a uma realidade específica do homem. O pensamento político pode, por exemplo em Hegel, se cumprir no projeto da totalidade existente ou em devir; é então que este pensamento, enquanto todo sistemático, é a expressão de uma realidade fatural e, em particular, justificação e exclusão, seu conteúdo sendo a consciência da ambiência existente. Ou bem esse pensamento, em Maquiavel, pode se desdobrar a partir de realidades particulares e de sua significação quanto às leis próprias à potência; é então que são elaborados tipos de situações e regras de comportamento, seja no sentido de uma técnica política, seja referindo-se imediatamente a um agir surgido da vontade de potência, da presença de espírito e da coragem, agir

que não poderia ser racionalizado de uma maneira definitiva. Nietzsche não se engaja em nenhum desses caminhos, não fornece nem um todo sistemático à Hegel, nem uma política prática à Maquiavel, mas seu pensamento procede de uma preocupação que abraça a condição do homem mesmo, do ser do homem, sem estar (ainda ou já) em posse de uma substância integral. Ele estabelece a origem do acontecimento político, sem mergulhar metodicamente nas realidades concretas particulares do agir político, tal como se manifesta todos os dias na luta das potências e dos homens. Ele quer engendrar um movimento despertando os últimos fundamentos (últimas causas) do ser do homem e constranger por seu pensamento os homens que o escutam e o compreendem a entrar nesse movimento, sem que o conteúdo desse movimento tenha já recebido uma determinação estadista, populista (*völkisch*), ou sociológica qualquer. O conteúdo que determina todos os julgamentos, é bem mais, em Nietzsche, a atitude “integrante” em relação ao todo do ser, não é mais somente política, mas é filosofia por meio da qual, na abundância do possível, sem princípio racional, o contrário e o contraditório podem ser tentados —

<sup>1</sup> J. Wahl, no artigo publicado mais acima dá um outro exemplo das exposições de Jaspers.

tentativa que obedece unicamente ao princípio da salvação e da gradação da condição humana.”

“Comparado às grandes construções tradicionais das ciências políticas e da filosofia da História, o pensamento de Nietzsche deve, por conseguinte, se recusar a todo método dedutivo como a toda determinação nocional. No entanto, ainda que seu conteúdo escape a uma interpretação determinada, ele provoca a criação de uma atmosfera coerente. Tal uma tempestade, esse pensamento pode agitar a alma; mas devém incapturável tão logo se o queira adstringir ao estado de forma e de noção clara e definitiva. Na medida em que o pensamento de Nietzsche tende a criar essa atmosfera, ele evita tudo o que poderia ter a aparência de uma doutrina. As possibilidades as mais diversas são postas à prova com uma igual veemência, sem serem reunidas num só fim unívoco. O nocional aí jamais pretende ser a expressão de uma verdade tornando-se condição existente. Ele parece se oferecer como um meio de uma labilidade (*souplesse*) infinita, a serviço de uma vontade de pensamento dominatriz, que não está fixada a nada. Fazendo isso, este pensamento atinge na formulação um máximo de potência sugestiva. Só quem

sabe identificar essa potência de expressão com a faculdade de metamorfose, se apropria do sentido desse pensamento.”

“Como é impossível fazer do pensamento político de Nietzsche um sistema racional sem que se destrua do mesmo golpe o pensamento nietzscheano propriamente dito, a particularidade desse pensamento “querente” não pode devir sensível em sua determinação (de direção) vivente e não, nem um pouco, nocional, senão pela busca dos fatores ‘contraditórios’ que aí são manifestados”.

II - Karl LOEWITH, NIETZSCHES PHILOSOPHIE DER EWIGEN WIEDERKUNFT DES GLEICHEN. - Berlim, 1935.

Para acabar de uma vez por todas com os modos de interpretação que nos apresentam Nietzsche “como o apóstolo do individualismo desenfreado, o criador de um realismo heróico ou de uma doutrina orgiástica”, Löwith se propõe a caracterizar o princípio fundamental da totalidade escondida da doutrina nietzscheana sob sua forma aforística.

A situação atual da filosofia exigia o restabelecimento da necessidade verbal. Ela arrastava Nietzsche a romper com a

velha sistematização do décimo nono, a se exprimir através dos meios os mais imediatos, logo a fazer prova do modernismo o mais ultraísta: e assim fazendo, essa mesma situação o constrangia simplesmente a um retorno à forma necessariamente a mais fortuita e por conseguinte a mais original, a mais antiga do pensamento. É então um erro não ver, segundo um critério científico, mais que uma mistura de *aperçus* científicos e de visões poéticas em sua filosofia. É ao critério pré-socrático que é preciso voltar para constatar esse traço essencial: Nietzsche se relembrando da original unidade da verdade e da ficção na linguagem sentenciosa da antiguidade.

Esse princípio do relembrar (*ressouvenir*) que se manifesta até na necessidade de expressão, preside a toda evolução nietzscheana e Löwith nos mostrará como a odisséia de sua consciência não tem por fim mais que a reentrada no porto de sua primeira juventude.

Löwith consagra a esse princípio do retorno sobre si-mesmo a parte central de sua obra, assim dividida :

1) Liberação em relação ao TU DEVES cristão para atingir o EU QUERO do supranilismo.

2) Liberação em relação ao EU QUERO para atingir o EU SOU da super-humanidade no retorno eterno.

Substituindo o EU QUERO ao TU DEVES, a alma nietzscheana efetua a perigosa conversão da fé no velho Deus que está, no presente, morto, e do qual essa alma se considera o assassino, na vontade do nada, pois a liberdade recobrada pela morte de Deus exige que o homem queira o nada antes que renunciar a toda vontade. Mas por este querer o nada que é o *non-sens* do mundo sem finalidade, o homem sobrepujará esse *non-sens*, pois ele terá simplesmente querido o que tinha sempre sido e o que sempre será : sobrepujar o *non-sens*, é então querer o eterno retorno que absorvendo o EU QUERO transitório trará a afirmação do EU SOU. O pivô desse movimento cíclico é esse evento terrível e misterioso que é a morte de Deus, experiência crucial de Nietzsche.

Do ponto de vista teórico, Hegel concebia “a morte de Deus como uma sexta-feira santa especulativa”, Feuerbach desenvolvia um “ateísmo pio”, todos dois acomodavam as conseqüências de um acontecimento que para Nietzsche tinha toda extensão de um cataclisma

incomensurável : da morte de Deus nascia o super-homem. Mas não era também a ressurreição de um “novo e muito antigo Deus”? A Nietzsche a morte de Deus se revela em sua experiência “iluminada”, se poderia dizer, d’ “esses instantes que parecem caídos da lua, esses instantes em que não se sabe mais o quanto se é idoso e quão jovem se será ainda... Não duvido que existam várias sortes de Deuses...” Palavras em que Löwith reconhece um instinto criador de divindades. É com efeito num desses instantes que lhe vem a idéia do retorno eterno, é num desses instantes que ele encontra Zarathustra, que devém ele-mesmo a sombra de Zarathustra, é num desses instantes que ele se prova como o assassino de Deus, e será num parêntese instantâneo que ele sofrerá essa transformação dupla e definitiva : em Nietzsche-Dionysos e Nietzsche louco. Löwith, ao longo de todo seu livro, se esforça em pôr muito judiciosamente em relevo esse perturbador equívoco inerente tanto à pessoa de Nietzsche quanto à sua doutrina — equívoco que Nietzsche se compraz em sublinhar ele-mesmo quando se apresenta em *Ecce Homo* como a encarnação da decadência e da ascensão (essor). E Löwith se esforçará para tornar sensível essa defasagem (décalage) entre

Nietzsche e Zarathustra, entre Nietzsche louco e Dionysos, e para demonstrar como dessa defasagem procede a cisão nocional que traz à luz um estudo racional da idéia do eterno retorno. Tanto e tão bem que a doutrina adquiriria um valor positivo segundo o grau de identidade entre Nietzsche e Dionysos.

Querer viver todo instante de tal sorte que se possa desejar revivê-lo ao infinito — esse imperativo do eterno retorno, o único autêntico da vontade de potência tão falsamente interpretada até esse dia, constitui de fato a nova responsabilidade que o homem deve assumir pelo fato da morte de Deus, e confere um novo peso à existência humana. O tempo do retorno eterno, remarca Löwith, não é pois aquele da “eterna presença” do círculo vicioso, mas o tempo futuro de uma finalidade que libera do peso do passado pela vontade do porvir. A eternidade é bem a finalidade querida por uma vontade sempre renovada de eternização de si-mesmo como fatos e coisas da existência. Está aí a hora do grande meio-dia, quando a vontade do porvir se afirma e trata-se de decidir no sentido do super-homem ou do sub-homem.

Ora, a contradição interna entre o imperativo ético : querer viver todo instante



de tal forma que se possa desejar revivê-lo ao infinito — e a noção mesma da necessidade do retorno eterno aparece desde que Nietzsche afirma: “O fato de suportar nossa eternidade (no eterno retorno) — seria a coisa suprema.” Pois mesmo se não nos acontecesse de desejar reviver nosso passado vivido, não conseguiríamos escapar à necessidade de revivê-lo eternamente! E a objeção de Löwith poderia se formular assim : trata-se menos de uma vontade ética que nos faria captar o verdadeiro da totalidade no momento fortuito, que uma tomada de consciência de nossa irresponsabilidade. Enquanto existência não suportamos não ter parte alguma em nossa “factualidade” passada, e queremos por conseguinte ser responsáveis por nossa existência enquanto vontade, ainda que não possamos sê-lo enquanto existência pura e simples. Só por conseguinte, uma concepção da eternidade cíclica pode conciliar o querer nietzscheano e a necessidade realizada pela razão nietzscheana. Nesse momento, diz Löwith, constata-se na doutrina ora a expressão de uma inspiração, ora aquela de uma decisão. “Uma decisão que no extremo limite da liberdade prefere querer o nada a não querer, e uma inspiração na qual o ser

se dá ele mesmo no revelado, formam junto o acesso problemático à dupla verdade de Nietzsche, verdade que enquanto doutrina do niilismo superado por ele-mesmo, é seu “Credo quia absurdum”. Esse “quia absurdum” procede diretamente da maior ou menor identidade, da maior ou menor defasagem entre o filósofo atingido pela loucura e seu Deus. “A verdade inspirada no acaso necessário do discurso parabólico de Zaratustra, profecia do eterno retorno, nos reconduz à verdade equívoca da loucura. Só se a forma suprema do ser, Dionysos, falasse através do filósofo representando o papel de Deus — o qual transporia no mesmo golpe a realidade temporal do filósofo — é que o ser ele-mesmo falaria através de sua filosofia dionisiana, a qual transpõe o aspecto real do ser. Mas como decidir se Nietzsche era a pessoa de um Deus ou o ator de seu próprio ideal?...” Assim o conteúdo de experiência irreduzível e necessária que a força poética unificatriz da parábola zaratustriana chegava a dar como um todo coerente se desagrega em fragmentos e em elementos fortuitos, pretende Löwith, tão logo Nietzsche queira traduzir nocionalmente esse elemento em doutrina.

Vê-se que as considerações de Löwith estão bem próximas da análise patológica: e no entanto elas não apresentam mais que o aspecto puramente nocional do conflito. Isso sem dúvida para poder mais folgadoamente estabelecer uma relação sutil mas altamente sedutora entre Nietzsche e dois outros pensadores contemporâneos, essencialmente diferentes um do outro, Kierkegaard e Marx. E isso permitirá a Löwith que, ademais, expôs notavelmente a situação em que se achava a consciência ocidental desde Hegel<sup>1</sup>, atrair a atenção sobre os três aspectos que toma a alienação do homem em relação a si mesmo e em relação ao mundo, alienação que forma o conteúdo das diferentes experiências kierkegaardiana, marxista e nietzscheana. Cada uma delas, observa Löwith, tende a se resolver pelo paradoxo : em Kierkegaard, pelo “salto” do fundo da doença mortal para a fé; em Marx, pela idéia da alienação do homem pelo homem na produção econômica devendo se converter numa recuperação da integridade humana; em Nietzsche enfim, pela conversão do niilismo europeu na crença no retorno eterno. Os três esforços não diferem mais do que pelos meios, eles

têm a mesma origem e tendem para a mesma finalidade: a recuperação do mundo perdido. Recuperação da cristandade em Kierkegaard, da humanidade em Marx, da antigüidade mítica em Nietzsche. Pode-se melhor compreender sua pretensão a pôr um termo ao Cristianismo, sublinha Löwith, hoje que Estados inteiros combatem publicamente a fé cristã, quando se sabe que até então alguns indivíduos apenas conduziam essa luta abertamente. É importante captar que, para Nietzsche trata-se de renegar o Crucificado não para se livrar do sofrimento mas para consentir neste no culto dionisiano. A morte do Deus cristão condiciona a ressurreição de um Deus da antigüidade: e os conflitos europeus que anuncia Nietzsche, as guerras que ele profetiza devem ser compreendidas como *guerras de consciências, guerras de religião, guerras espirituais*: elas preencherão a era da *grande política*. Mas antecipando o porvir, Nietzsche não faz mais do que buscar a saída do *Labirinto construído por dois milênios*, ele sabe que essa saída é idêntica à entrada : o Cristianismo primitivo que em nosso mundo moderno representa em parte um “bocado de antigüidade” mítica; franqueando a soleira dessa única

<sup>1</sup> Cf, Les recherches philosophiques, anos 1935 e 1936.

saída do labirinto, é dizer, transgredindo o Cristianismo assim como o mundo atual se apressa em fazer, a humanidade refazendo em sentido inverso a decadência greco-romana, volta à era trágica da Grécia, momento que será marcado pela aparição de *Contra-Alexandres* que reatarão o nó górdio, ontem cortado, da alma helênica dispersada a todos os ventos. É assim que a figura de Nietzsche vai se confundir com sua imagem de Heráclito, sua idéia do eterno retorno com a noção do jogo na necessidade. O ser de toda coisa existente não aparece mais, desde então, como a punição do que deveio, mas como a justificação do devir que inclui o aniquilamento. Mas se Heráclito não conhece imperativo ético, se “a obrigação de reconhecer o Logos, porque se é homem, não existe para ele, mas lhe importa muito mais saber porque existe água, porque terra?” — se a mesma lei imanente aos elementos rege a seus olhos o homem o mais nobre como o mais baixo — é que Heráclito representa ainda o homem que é desse mundo, que pode querer a necessidade, — enquanto que Nietzsche é o homem que não vive mais que no mundo alienado pelo cristianismo e relativizado pelas ciências, e para quem,

por conseguinte, a necessidade de querer existe fatalmente como princípio ético. A posição perdida que implica essa necessidade de querer é exatamente aquela que ocupa Nietzsche, segundo Löwith, “no cume da modernidade”. Reconhecendo, querendo a morte de Deus, ele espera que dessa vontade negatriz, ressuscite o mundo tal como foi antes de devir o aqui-embaixo em relação ao além. Cristóvão Colombo da filosofia, Nietzsche se vai à redescoberta da Índia helênica pela rota ocidental que abriu o niilismo cuja forma extrema, ensinada pela doutrina do eterno retorno, representa um budismo europeu, este aplicando toda energia humana a negar que a existência tenha uma finalidade. *“Niilismo, sintoma de que os desfavorizados da sorte não têm mais consolação: de que eles destroem para serem destruídos, de que, liberados da moral, não têm mais motivos para se entregarem, — de que eles se colocam sobre o terreno do princípio oposto e querem, por seu lado, potência, constrangendo os potentes a serem seus carrascos. Tal é a forma do budismo europeu, do “Fazer-não”, da ação nadificante, depois que toda existência perdeu seu sentido,”* A ação nadificante não será entretanto mais que a condição

preliminar para a adesão à totalidade do ser. Como Nietzsche se libera ele-mesmo de sua vontade do nada? Como efetua ele a passagem do *Eu quero* ao *Eu sou*? Reafirmando-se a si-mesmo no movimento do mundo naturalmente necessário? No ponto extremo de sua circunavegação moral, esse novo Colombo não volta para o meio dos recifes das “contradições e das atribulações de seu eu”, esses recifes sendo como “os testemunhos mais autênticos desse eu criador, avaliador e voluntário, medida e valor de todas coisas desde que a “Medida e o meio (*milieu*)” na relação do homem com o mundo desapareceram e que o homem está lançado no seio de um universo que lhe deveio inconciliável. Nessas condições é tanto mais notável que à magia do extremo que ele sofria (*subissait*), que à idéia de tensão suprema, ele tenha oposto o ideal do mais “mesurado” que passa sem formulas extremas porque está certo de sua potência; que ele tenha podido formular a máxima: “No esforço sobrepassando o homem, encontrar a medida e o meio termo...” Enquanto que o homem antigo cujo retorno ele anuncia, se atinha a uma medida, porque era sem medida por sua própria natureza, o destino de Nietzsche foi acentuar a tensão entre a

existência sem finalidade do homem moderno e o mundo desnaturalizado e relativizado, acentuar o eu quero até o eu sou, por temor de soçobrar na mediocridade dos indivíduos limitados. Situado na tensão entre o sub-homem e o super-homem, foi ele-mesmo um desfavorizado da sorte, um “Halb-Zerbrochener”, um “a meio-quebrado”, em quem se empurra o porvir. Exemplo vivo do eterno retorno, seu gênio pessoal esposava o movimento do universo cego, todo cheio que estava da visão “da medida e da plenitude, suprema forma de uma exceção repousando nela-mesma”. Entre o sub-homem e o super-homem, ele tinha atingido “meio-dia”-o-abismo e a meia-noite profunda. P.KI.